



DINÂMICA TERRITORIAL DA REDE ESTABELECIDADA PELAS ATIVIDADES DO CIRCUITO INFERIOR EM TRÊS LAGOAS/MS¹

SILVA, Leandro Otávio da²

DIAS, Fernando César²

NASCIMENTO, Geise Teixeira do³

ARANHA-SILVA, Edima⁴

RESUMO

O presente trabalho surgiu com a proposta de entender o espaço urbano como lugar da produção e reprodução das relações sociais, que geram conflitos e contradições. Contradições que por sua vez são marcas evidentes do atual sistema capitalista, materializadas na forma de divisão social, nos padrões de consumo, como o comércio. Os feirantes se mostram como alternativa e também adaptação a esse modo de produção, característica do Circuito Inferior da Economia, onde as trocas comerciais são geridas com pouco ou nenhum investimento de créditos, tecnologia, mas por meio do dinheiro corrente, no “fiado” na conversa. A pesquisa trás um mapeamento da atuação dos feirantes, bem como a caracterização do local de trabalho, dificuldades enfrentadas, bem como a falta de apoio do órgão público municipal. O levantamento foi realizado por meio de aplicações de questionários e visitas aos feirantes no seu horário de feira. A análise in loco teve como propósito compreender os as dinâmicas referentes à economia local e regional, pois o mapeamento revelou o alcance espacial máximo e o mínimo, além da elaboração de um mapa de rede, com as cidades de origem dos feirantes. Entende também como parte das dinâmicas as relações de trabalho, que no circuito inferior, são marcadas pelo intenso trabalho e reduzida aplicação de capital, sendo a única forma de sobrevivência para aqueles que buscam uma oportunidade renda e melhorar sua condição de vida. A precariedade das condições de trabalho é flagrante, com a utilização de técnicas muito rudimentares, em função da falta de recursos financeiros, tornando assim os feirantes vulneráveis a intempéries, pois estão expostos ao relento em dias de chuva, frio, vento ou sol intenso.

Palavras-chave: Rede; Território; Feirantes; Circuito Inferior.

¹ EIXO TEMÁTICO: Rede Urbana

² Acadêmico e membro do grupo PET-Geografia da Universidade Federal de Matogrosso do Sul.

³ Mestranda, Programa de Pós-graduação em Geografia/Mestrado/UFMS (PPGEO-UFMS).

⁴ Prof^a Dra. do Curso de graduação e do Mestrado/Geografia e Tutora do Grupo PET-Geografia/UFMS.



RESUMEN

Este estudio tuvo la propuesta de entender el espacio urbano como lugar de producción y reproducción de las relaciones sociales que generan conflictos y contradicciones. Las contradicciones que a su vez son señales evidentes del sistema capitalista actual, se materializó en forma de división social, patrones de consumo, como el comercio. El recinto ferial se muestran como una alternativa y también adaptarse a este modo de producción, una características del Circuito Inferior de Economía, donde el comercio se maneja con crédito bajo, poco o nada, la tecnología, está basado en el dinero, el "hilado" en conversación. La investigación detrás de la cartografía de las actividades de los comerciantes, así como la caracterización del lugar de trabajo, las dificultades y la falta de apoyo de la agencia pública local. La encuesta se llevó a cabo mediante la aplicación de cuestionarios y visitas a los comerciantes en sus horas de lunes. El análisis in situ tuvo como objetivo conocer las dinámicas relacionadas con la economía local y regional, ya el mapeo reveló el máximo rango espacial y mínima, así como el desarrollo de un mapa de la red, con las ciudades de origen del trabajadores (trabajadores del justos). Entendido también como parte de las relaciones de trabajo dinámicas, que en el circuito inferior, están marcadas por el trabajo intenso y la reducción de la inversión de capital, y la única forma de supervivencia para los que buscan una oportunidad de ingresos y mejorar sus condiciones de vida. La precariedad de las condiciones de trabajo es impresionante, con el uso de técnicas muy rudimentarias, debido a la falta de recursos financieros, por lo que los vendedores vulnerables a las tormentas, ya que están expuestos a las jornadas de la lluvia, el frío, el viento o intensa al sol.

Palabras-clave: Red; Territorio, Recinto Ferial; Circuito Inferior.

1. INTRODUÇÃO

O enfoque desta pesquisa recai sobre o espaço urbano como lugar da produção e reprodução das relações sociais, que geram conflitos e contradições, tendo como categoria de análise o consumo do e no espaço, que se renova e apresenta novas formas de comércio e de sociabilidades. A análise do processo de produção e reprodução espacial no Centro da cidade de Três Lagoas/MS, pois se entende que a área central da cidade é palco das relações sociais contraditórias, onde cada pessoa usufrui do espaço, motivada por suas condições sociais, e de maneira dessemelhante nos lugares tradicionais do comércio varejista. Exemplificam, os vendedores ambulantes com espaço próprio de venda regulamentada – camelôs presentes nos stands –, os feirantes, mascates.



Nesse sentido, a especificidade dessa pesquisa consiste em estudar as estratégias de sobrevivência do informal frente à generalização da mercadoria, bem como o mapeamento e a espacialização do comércio do circuito inferior, por meio de softwares como o Phillcarto® e o Corel Draw®, assim como, estabelecer os limites do território rede. Deste modo, a análise do circuito inferior da economia em Três Lagoas permitirá também o estudo da rede constituída pelo comércio informal por meio das relações que se dão entre a cidade de origem de cada feirante e o destino final de seus produtos, no caso, a cidade supracitada, bem como os rebatimentos territoriais, e formas espaciais desta rede. A análise in loco tem como propósito compreender os aspectos das dinâmicas referentes à economia local, bem como a análise da área central, uma vez que é ali que os serviços são oferecidos. As relações de trabalho no circuito inferior são marcadas pelo intenso trabalho e reduzida aplicação de capital, sendo a única forma de sobrevivência para aqueles que buscam uma oportunidade de renda e melhorar sua condição de vida. A precariedade das condições de trabalho é flagrante, com a utilização de técnicas muito rudimentares, em decorrência da falta de recursos financeiros.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Uso e apropriação do território urbano: territorialidade popular da feira livre

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence...* esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescindir da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem (SANTOS & SILVEIRA, 2005, p.19).

Três Lagoas/MS passa atualmente por um intenso processo de industrialização e dentro do contexto socioeconômico da Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul, a urbe tem grande importância exercendo papel de uma cidade média e com isso gera um rol de processos, fazendo com que a cidade se torne um polo atrativo pelas atividades e serviços oferecidos (MILANI, 2012).



Em consequência das novas dinâmicas espaciais causadas pelo intenso processo de industrialização a feira livre de Três Lagoas que se realiza na área central da cidade (Figura 1), antes realizada somente aos sábados no período diurno, em 2009 passou a ocorrer também no período noturno nas segundas feiras e quartas feiras.

Assim, cria-se a territorialidade, fruto do trabalho, ou seja, significa troca de energia e informações entre os homens e, ao mesmo tempo, posse de uma porção do espaço. A territorialidade varia no tempo, de acordo com cada estágio de desenvolvimento: orgânico, mecânico e cibernético, sempre vinculada ao controle de objetos e pessoas e, desse modo, gera diferentes paisagens (SAQUET, 2011, p. 20).

Mediante o exposto, objetivou-se compreender a dinâmica de (re) produção dos espaços urbanos no que tange as novas funções exercidas pelas cidades, sob o prisma do circuito inferior da economia, ou seja, explicar os usos do território a partir de um lugar, uma vez que o território usado pode ser compreendido a partir da análise desse recorte. Propõe-se, a partir do estudo das feiras, uma reflexão ampliada acerca de algumas tendências mais gerais das cidades médias, geradora de novos espaços sociais cotidianos, portadora das novas formas de acumulação e organização espacial, por meio da territorialidade popular (MASCARENHAS & DOLZANI, 2008).

Dessa maneira,

[...] a feira se institui, antes de tudo, em um espaço de mobilidades comerciais e sociais onde, por meio das diversificadas dinâmicas, ergue-se uma rede de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos (MORAES & ARAUJO, 2006, p. 247).

Na feira de Três Lagoas é possível observar uma polissemia de sociabilidades e territorialidades, sendo que, “as forças sociais efetivam o território no e com o espaço geográfico, centrado nas territorialidades e temporalidades dos indivíduos e emanado delas, condicionando e sendo diretamente determinado por nossa vida cotidiana” (SAQUET, 2011, p. 27). Semanalmente, o espaço urbano central da cidade é ocupado



por inúmeros sujeitos sociais, que o frequentam para realizarem suas atividades econômicas, sociais e culturais (Ver Figura 2).

Para Medeiros (2009),

O território é, de início, um espaço cultural de identificação ou de pertencimento e a sua apropriação só acontece em um segundo momento. O território é, assim como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle (p. 2017).

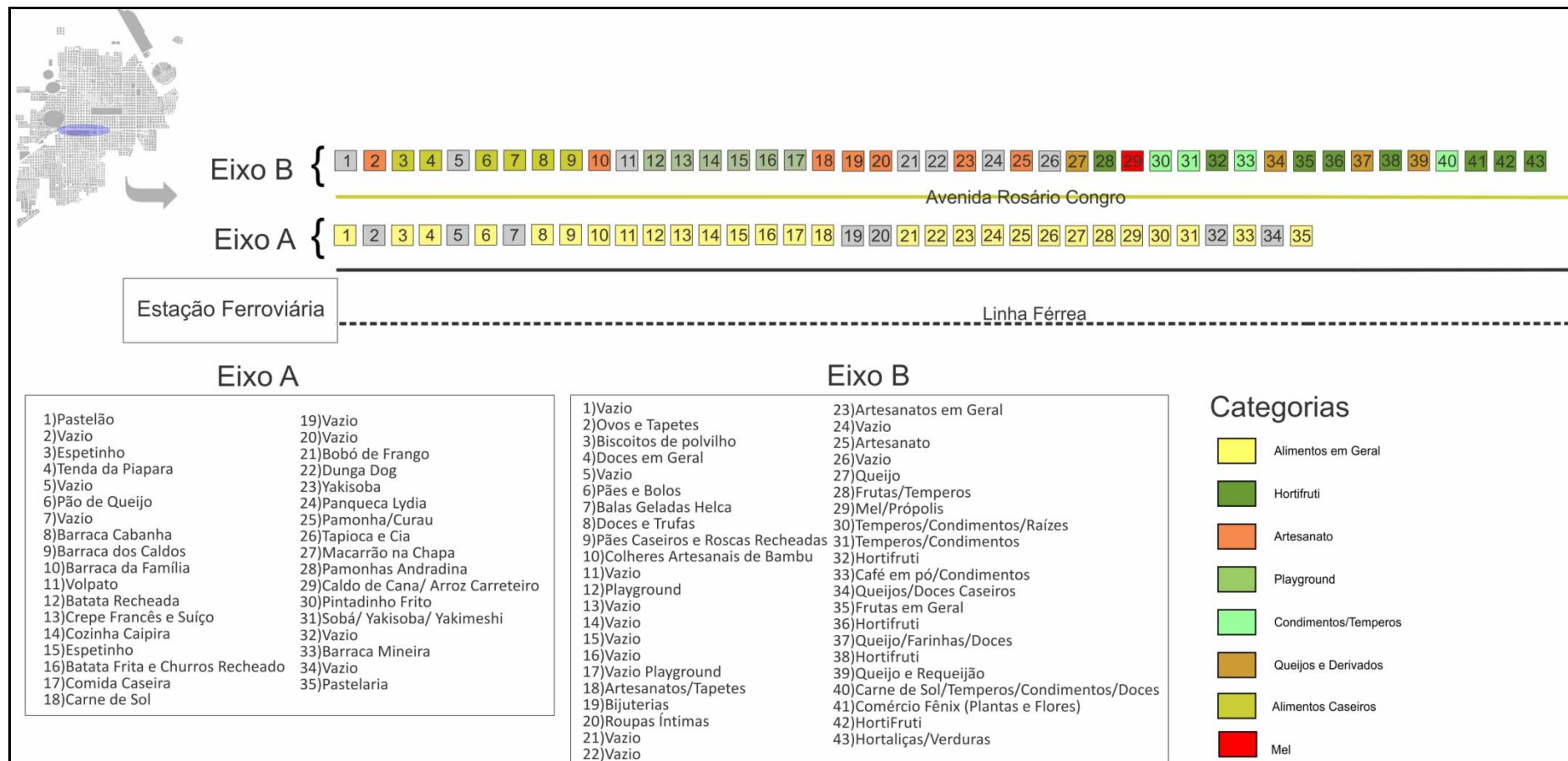


Figura 1 - Croqui com espacialização das barracas expostas nas segundas e quartas-feiras

Fonte: DIAS, F. C., 2013.



Figura 2: Feira de Três Lagoas.

Fonte: SILVA, L. O., 2013.

A Figura 2, também possibilita-nos compreender estes espaços como lócus privilegiado para a sociabilidade e a reprodução do campesinato na cidade, visto que, os doces, os legumes e as verduras são produzidos na área rural de Três Lagoas e dos municípios vizinhos. Porém, neste artigo não fazemos um estudo aprofundado sobre a questão rural, mas sim, partimos de um determinado fragmento do perímetro urbano - a feira livre – exemplificando como campo e cidade se complementam e se articulam.

Assim, a leitura geográfica da divisão territorial do trabalho encontra na categoria circuito espacial de produção importantes aportes, pois essa permite a identificação dos agentes que animam a produção, a circulação, o comércio e o consumo. Dessa forma, identificam-se as materialidades e as ações no território, entendido como um híbrido de formas, normas, cultura, ações, em um movimento dinâmico e inacabado (SILVEIRA, 2008 apud SILVA, 2012).



2.2 Estrutura e dinâmica da Feira Livre em Três Lagoas/MS

A feira livre na cidade de Três Lagoas atualmente ocorre nos dias de segunda e quarta-feira, além de se realizar também nas manhãs de sábado. Nas segundas e quartas a atividade inicia por volta das 17 horas, com a montagem das barracas, enquanto outros separam os alimentos, acendem churrasqueiras, enfim, distribuem os produtos, para que a partir das 18h e 30 minutos está tudo preparado para a comercialização dos produtos.

A partir do ano de 2005 a Prefeitura Municipal “cedeu” estrutura para a feira livre, como banheiros químicos, água, energia elétrica, segurança da guarda municipal e lixeiras. Na verdade os feirantes pagam pela utilização do local, são três taxas mensais, de acordo com o número de feira que participam. Com isso evitavam-se os famosos “gatos” nas redes elétricas, e propicia um local mais adequado à atividade dos feirantes, porém foi com o fornecimento da infraestrutura que a Prefeitura Municipal passou a cobrar uma taxa baseada no espaço ocupado por cada feirante.

O formato atual da feira teve início a partir de 2009, com o projeto da feira livre noturna, que começou em setembro:

A Administração Municipal de Três Lagoas, com o intuito de resgatar a cultura e fomentar o comércio dos pequenos produtores rurais, criou em setembro de 2009 a Feira Noturna de Três Lagoas. Na época, a Prefeitura investiu R\$ 83.411,17 com instalações elétricas e hidro sanitárias (MINUTOMS, 2009).

Com base neste formato, que está vigente desde 2009, foi aplicado questionários a um feirante de cada barraca, obtendo um total de 59 questionários. Vale ressaltar que a feira está passando por um novo processo de organização, onde as barracas possuíam uma numeração, porém faixas foram pintadas no chão, e essa numeração original que constavam no topo das barracas não corresponde, sendo agora a orientação pela pintura no chão. Com isso observou-se que em muitos “boxes” não havia presença de barracas. Por isso, justifica-se a reorganização.

Nesse sentido, o trabalho de campo possibilitou além da aplicação de questionários, fazer um mapeamento das barracas, bem como foi possível à constatação de certa divisão setorial das barracas, como mostrado na Figura 3.



A feira livre treslagoense se organiza ao longo da Avenida Rosário Congro, próxima a estação ferroviária e praça central. As barracas são dispostas ao longo de dois eixos, que para facilitar a identificação foram nomeadas de eixo “A” e eixo “B”, como mostra a Figura 1.

As barracas dispostas ao longo do eixo A são barracas destinadas a alimentação, estão sobre as calçadas, e as mesas e cadeiras são dispostas na Avenida Rosário Congro, uma vez que depois das 16h30min uma pista é interditada para os feirantes começarem a montar suas barracas.

A divisão setorial para que as barracas de alimentação fiquem sobre as calçadas e ao longo de um eixo são motivos infraestruturais, visto que elas precisam de mais pontos de energia elétrica e tem a disponibilidade de água encanada.



Figura 3 - Cadeiras e mesas para alimentação.

Fonte: SILVA, L. O. 2013.

O eixo de alimentação é diverso, posto que nas barracas é possível encontrar: pastéis, cachorros quentes, batatas fritas, carne de sol, kibe, arroz carreteiro, tapioca, pamonha, churros, macarrão chinês na chapa, yakissoba e comida japonesa, espetinhos,



crepes, pescados, entre outros. O detalhe é a preocupação sanitária, pois os feirantes participam de cursos de manuseio e condições sanitárias para estarem aptos a trabalhar com alimentação.

O eixo B é mais variado, os feirantes comercializam verduras, legumes, roupas íntimas, artesanatos, doces, pães caseiros na embalagem, frutas, temperos, mel. No geral, o eixo B não necessita de água para produção e manuseio de alimentos, necessitam mais de energia para as barracas quando anoitece e para balanças de pesagem. Ainda assim esse eixo é maior, pela diversidade que é possível de se oferecer, não sendo limitada apenas a alimentação.



Figuras 4 e 5 - Variedade de produtos no eixo B.

Fonte: SILVA, L. O. 2013.

2.3 Resultados obtidos

A análise dos questionários revela que boa parte dos feirantes entrevistados, 69% deles trabalhavam antes de se tornarem feirantes, nas mais diversas áreas de atuação, funcionários públicos, estagiários, comércio de rua, ajudantes de lavanderias, pintor, manicures, domésticas, funcionários de indústrias, pescadores, e atualmente também 69% dos feirantes trabalham ou estudam e utilizam a feira como forma de complementar a renda.

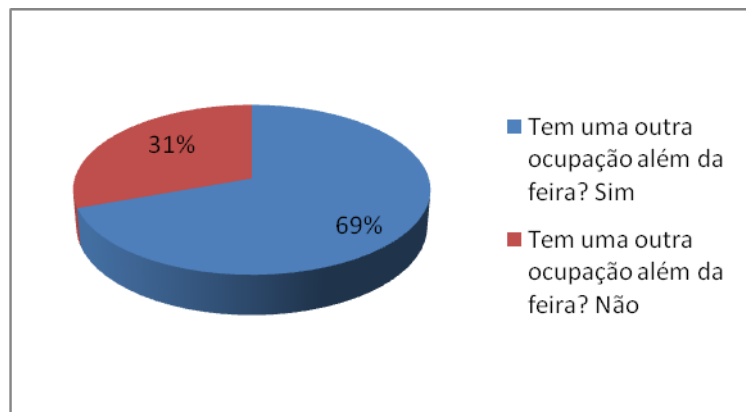


Figura 6 - Gráfico de ocupações paralelas à feira.
 Fonte: Pesquisa de Campo 2013. Organização: SILVA, L. O. 2013.

Outro dado evidente são as principais dificuldades encontradas pelos feirantes, que giram em torno de questões infraestruturais, como o local propriamente dito. Muitos feirantes reclamaram que o local em que a feira livre se realiza é ao relento e exposto a intempéries, como chuva e o vento e aos sábados o sol escaldante. Além das intempéries, a infraestrutura é mencionada ao reclamar dos banheiros, que são do tipo químico, da estrutura das barracas que os feirantes necessitam comprar, e as mesmas são frágeis, fáceis de rasgar. Mencionaram também a falta de segurança, embora sempre fique posicionada uma viatura da Polícia Militar. No geral, todas essas questões infraestruturais somam 47 pessoas, totalizando 77% do total entrevistado.

Houve feirantes que mencionaram que não havia nenhuma dificuldade, 4 feirantes (7%), porém houve quem reclamou da montagem, pois levariam em torno de duas horas e meia para conseguirem estar aptos para venderem, mas foi apenas um feirante o que corresponde a 2% do total. Em relação à obtenção de mercadoria dois feirantes (3%) mencionaram como dificuldades, as quais giram em torno de procurar, comprar e negociar com revendedor.

Dentre os feirantes, 5 deles (8%) reclamaram dos custos impostos que a prefeitura cobra ao ceder o local. A crítica é que estão pagando para trabalhar, ao terem que pagar taxas ao uso do espaço, consumo de água e energia elétrica. Para eles esses impostos são relativamente altos em relação ao que conseguem obter com a venda na feira. Os dados supracitados estão melhores espacializados na Figura7, gráfico de dificuldades encontradas pelos feirantes.



Embora de acordo com o gráfico dois feirantes (3%) tenham respondido que suas principais dificuldades eram o transporte de mercadorias, todos responderam que é por conta própria o transporte e a obtenção dos produtos a serem comercializados. A prefeitura não fornece nenhum tipo subsídio aos feirantes para transporte e nem para obterem as mercadorias. Ocorre que os feirantes muitas vezes não dispõem de veículos, e necessitam trazer suas mercadorias e barracas em meios alternativos, podendo encarecer ou não os custos de se fazer a feira.

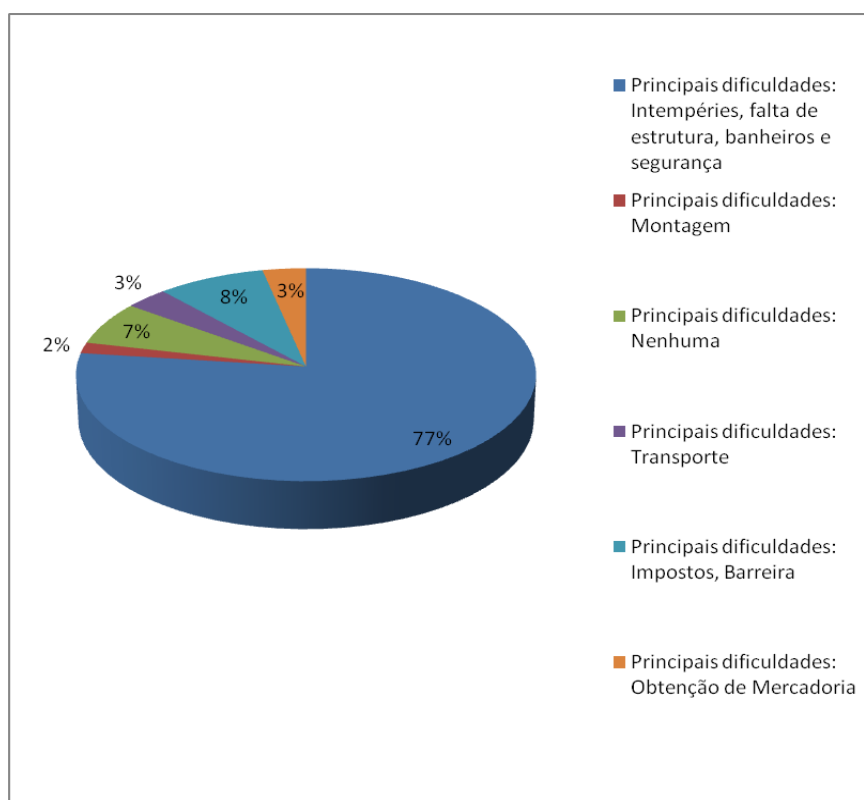


Figura 7 - Gráfico de principais dificuldades encontradas.

Fonte: Pesquisa de Campo 2013. Organização: SILVA, L. O. 2013.

2.4 Configuração reticular do circuito inferior da economia em Três Lagoas/MS

Dando continuidade a explanação, de acordo com Corrêa (2005) os mercados periódicos tem merecido a atenção de pesquisadores desde o século XVIII. Na segunda metade do século seguinte, no bojo da expansão colonial europeia, ampliou-se o interesse pelo enfoque dos mercados de áreas não-européias, com trabalhos que versam sobre essa temática. O maior número de estudos realizados foi de etnólogos, mas os



geógrafos deram inúmeras contribuições para o conhecimento da dinâmica desses mercados, sendo que no século atual aumentou o número de estudos.

Nesse sentido, pode-se destacar que,

os mercados periódicos representam uma forma de sincronização espaço-temporal das atividades humanas. Assim, os dias de funcionamento de cada mercado acham-se articulados aos demais, numa lógica de tempo e espaço, envolvendo o deslocamento periódico e sincronizado dos participantes de um dado mercado. Em outros termos, os comerciantes e prestadores de serviços reúnem-se a cada dia em um determinado núcleo de povoamento, para onde converge a clientela de uma área próxima ao núcleo (CORRÊA, 2005, p. 50-51).

Simultaneamente, a análise do circuito inferior da economia em Três Lagoas permite também o estudo da rede constituída pelo comércio informal por meio das relações que se dão entre a cidade de origem de cada feirante e o destino final de seus produtos, no caso, a cidade supracitada, bem como os rebatimentos territoriais, e formas espaciais dessa rede.

Para fins explicativos, o conceito de redes é definido por Corrêa (2006), como conjunto de centros ou cidades funcionalmente articulados entre si. Nesse sentido Aranha-Silva (2009a) corrobora expondo que as redes, sobretudo as geográficas, são vias expressas no âmbito das ações humanas. E ainda aponta que para uma rede ter caráter geográfico:

Para uma rede ter caráter geográfico, deve apresentar-se espacialidade e com uma funcionalidade articulada. Uma vez que, uma rede geográfica consiste em um conjunto de localizações sobre o território, articulada por vias no âmbito das ações humanas, conforme elucida Kansky apud Corrêa: “A rede geográfica é um caso particular de rede, sendo definida como o conjunto de localizações sobre a superfície terrestre articulado por vias e fluxos. Ainda se considera o que Santos “chama de um conjunto articulado de fixos e fluxos” (ARANHA-SILVA, 2009, p.119).

Desse modo, visou explicitar melhor os rebatimentos territoriais, pois os dados referentes ao trabalho de campo realizado permitiram analisar o local de origem dos



feirantes que estabelecem suas atividades econômicas em Três Lagoas, configurado como sistema de redes, conforme a Figura 8.

Diante do cartograma exposto, é possível visualizar que maior parte dos feirantes que estabelecem suas atividades em Três Lagoas em sua grande maioria é oriunda do front oeste de São Paulo, em destaque cidades como: Araçatuba, Andradina, Tupi Paulista e Valparaíso, entre outras, e das cidades do Nordeste do país como: Brumado, Viana, Recife, Tacaratu, entre outras. Os feirantes com origem em São Paulo são aqueles que participam das feiras itinerantes, ou seja, que estão sempre viajando para vender seus produtos, sobretudo horti-fruti, e possuem um fluxo cíclico.

Já os feirantes com origem do Nordeste do país, são aqueles que se estabeleceram com moradia fixa em Três Lagoas, ou seja, nesse sentido, vale destacar que com a industrialização e a vinda dos grandes empreendimentos fabris recentemente, trouxe, principalmente do Nordeste do país, um grande contingente de trabalhadores, com isso, algumas famílias que utilizam da feira para complementar a sua renda. Os produtos comercializados por esses feirantes são os alimentícios, tais como a Tapioca, Acarajé, Baião de Dois, comidas típicas das suas localidades de origem.

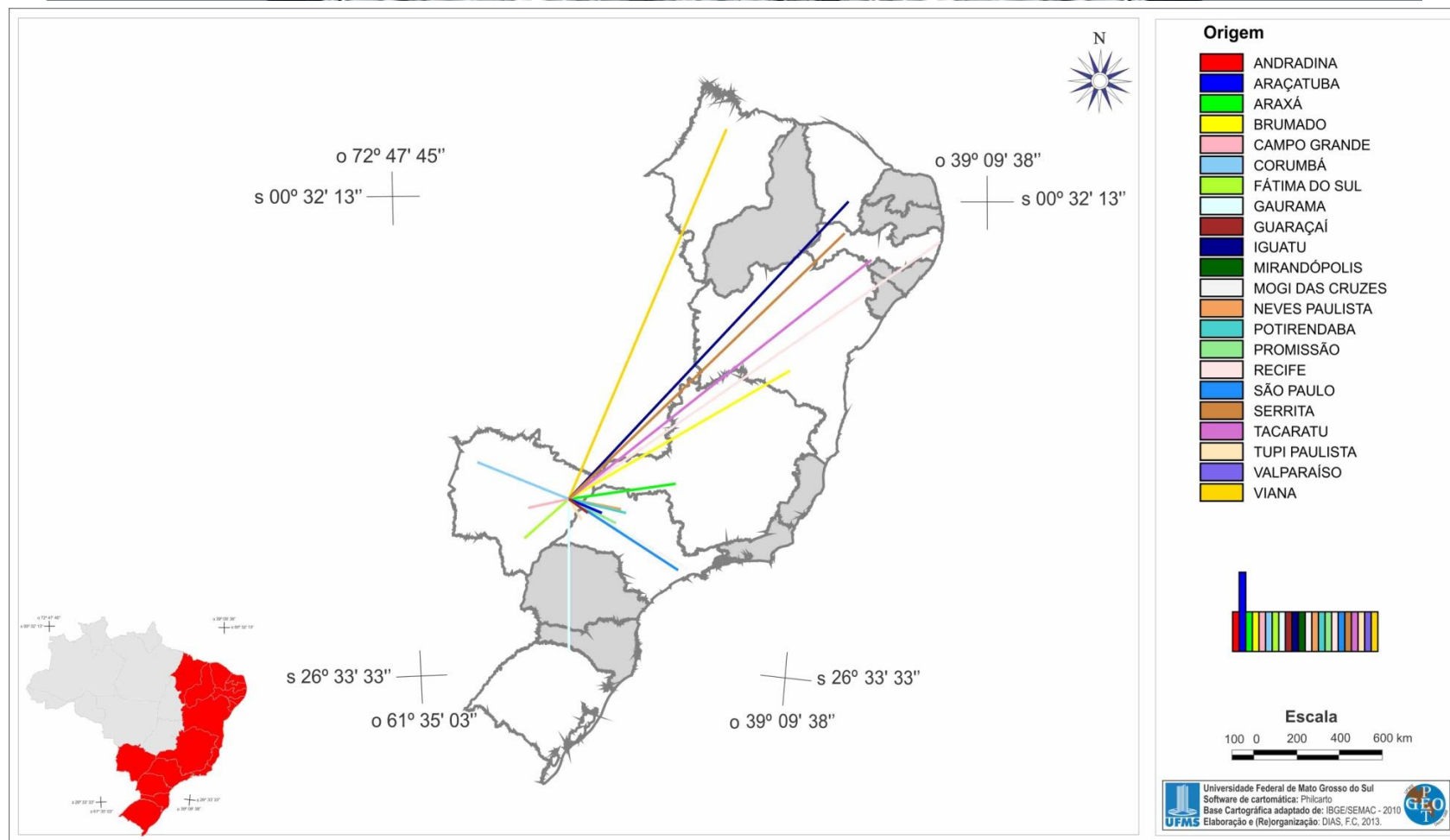


Figura 8 - Cidade de origem dos feirantes.

Fonte: DIAS, F.C. 2013.



Do ponto de vista da morfologia e estrutura da rede estabelecida pelos feirantes, lembrando primeiramente, que as redes como formas espaciais possuem uma nomenclatura no que se referem aos estudos de sua forma, essa por sua vez, revela o nível de sua complexidade.

Nesse viés, a referida rede, estabelecida pelo local de origem dos feirantes trata-se, portanto, de uma rede dendrítica, onde nos escritos de Corrêa (1989) assevera que é a forma mais simples da rede urbana, onde se tem uma cidade primaz localizada excentricamente em relação a sua *hinterlândia*, no caso Três Lagoas, em relação as demais cidades.

Outro ponto que se destaca é o alcance espacial dessa rede, onde temos dois tipos de alcance, segundo Corrêa *apud* Chirstaller (1989) são eles: alcance espacial mínimo e máximo. Dentro da análise da rede estabelecida pelos feirantes, o alcance espacial mínimo é configurado pelas relações entre Três Lagoas e as cidades do front oeste paulista, e o alcance espacial máximo é configurado pela relação com outras cidades do estado de São Paulo e as do Nordeste do país.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora ocorra em Três Lagoas, a feira livre é marcada por intensa dinâmica no que diz respeito a sua composição, seja ela por feirantes que vêm do Nordeste, Centro-Oeste, Sul e Sudeste até mesmo a população que se utiliza da feira para comprar, conhecer e procurar mercadorias, pois a grande maioria é três-lagoense, porém há de se ressaltar os turistas que a visitam.

Visitantes ou não, são eles que trazem dinâmica a feira, que por muitas vezes se torna fonte complementar, senão a primária de geração de renda, visto que parte considerável dos feirantes se ocupa de outras atividades além da feira livre. Entretanto a feira além de ser o local de complemento ou mesmo de trabalho e fonte de renda dos feirantes, é o local do contato, das relações interpessoais, que conforme a pesquisa, na opinião da maioria dos feirantes não ocorre em um local adequado, carecendo de muito apoio da Prefeitura Municipal, que fornece o local e a infraestrutura, mas que é posto a



prova quando fenômenos da intempérie surgem, pois muitos feirantes estão vulneráveis aos efeitos do vento, chuva e sol.

4. REFERÊNCIAS

ARANHA SILVA, Edima et al. Três Lagoas em Mato Grosso do Sul (Brasil) e sua inserção na hierarquia urbana regional. 12 Encuentro de Geógrafos de América Latina, Montevideu, 2009a. **Anais...** Montevideu, CD-ROM (Artigo Completo).

_____, Edima. Redes geográficas: espaço da transação e relações de poder. IN: OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de; BATISTA, Luiz Carlos (org.). **Espaço & Natureza: a produção do espaço sul-mato-grossense**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009b. p. 113-128.

CORREA, Roberto Lobato. **Rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

_____. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. **Feira livre: territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea**. In: *Ateliê Geográfico*, v.2 n. 4, UFG, 2008, P. 72-87. Disponível em: www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/4710/3971.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço e identidade. In: SAQUET, M. A & SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular: UNESP. Programa de Pós Graduação em Geografia, 2009.

MILANI, Patrícia Helena. **Dinâmica territorial da rede urbana na Mesorregião Leste de Mato Grosso do Sul**. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Três Lagoas: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2012.

MINUTO MS. Três Lagoas: **Feira Noturna funcionará na próxima terça-feira**.

Disponível em:

<<http://minutoms.com.br/noticias/default.aspx?id=14602&tipo=n>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

MORAES, I. R. D.; ARAUJO, M. A. A de. Territorialidades e sociabilidades na feira livre da cidade de Caicó (RN). **Caminhos da Geografia** – Revista online, 2006, p. 244 Disponível em:

<<http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15406/8704>>



PERFIL NEWS. Feira Livre vai mudar de local. Disponível em: <http://www.perfilnews.com.br/tres-lagoas/feira-livre-vai-mudar-de-local>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

SANTOS, M., SILVEIRA, M. L. O **Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2005.

SAQUET, M. A.; **Por uma Geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SILVA, C. S.; O circuito inferior de produção na metrópole de São Paulo: elementos para o debate do território usado. **Caminhos da geografia** – revista online. V. 13, n. 41, 2012, p. 282-292. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/16483/9205>>.